

O “OFUSCAR DA VERDADE” NA POLÍTICA
propaganda e evento totalitário segundo Hannah Arendt

THE “OBFUSCATE OF THE TRUTH” IN POLITICS
propaganda and totalitarian event according to Hannan Arendt

João Gabriel da Silva Pinto Filho¹

“Die Propaganda versucht eine Lehre dem ganzen Volke aufzuzwingen, die Organisation erfaßt in ihrem Rahmen nur diejenigen, die nicht aus psychologischen Gründen zum Hemmschuh für eine weitere Verbreitung der Idee zu werden drohen. Die Propaganda bearbeitet die Gesamtheit im Sinne einer Idee und macht sie reif für die Zeit des Sieges dieser Idee, während die Organisation den Sieg erficht durch den dauernden, organischen und kampffähigen Zusammenschluß derjenigen Anhänger, die fähig und gewillt erscheinen, den Kampf für den Sieg zu führen. Der Sieg einer Idee wird um so eher möglich sein, je umfassender die Propaganda die Menschen in ihrer Gesamtheit bearbeitet hat und je ausschließlicher, straffer und fester die Organisation ist, die den Kampf praktisch durchführt“. Adolf Hitler².

RESUMO

Neste artigo analisamos algumas nuances da relação entre verdade e política apresentadas pela filósofa judaico-alemã Hannah Arendt em sua obra *Origens do Totalitarismo*. Nosso enfoque prioriza determinados aspectos do exame realizado pela autora sobre a importância da propaganda política para o advento e manutenção dos regimes totalitários durante a primeira metade do século XX.

Palavra-chaves: Propaganda, Totalitarismo, Verdade, Nazismo, Política.

ABSTRACT

In this article we analyze some nuances of the relationship between truth and politics presented by the German-Jewish philosopher Hannah Arendt in her work *Origins of Totalitarianism*. Our focus prioritizes determining aspects of the examination carried out by the author on the importance of political propaganda for the advent and maintenance of totalitarian regimes during the first half of the 20th century.

Keywords: Propaganda, Totalitarianism, Truth, Nazism, Politics.

¹ Doutorando em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: joaogabrielfilosofia@hotmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2337-457X>.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9263267210654236>.

² “A propaganda trata de impor uma doutrina a todo o povo; a organização aceita no seu quadro unicamente aqueles que não ameaçam se transformar em obstáculos a uma maior divulgação da ideia. A propaganda estimula a criatividade no sentido de uma ideia, preparando para sua vitória; a organização tem que obter a vitória mediante concentração de adeptos corajosos, capazes de combater pelo triunfo comum. A vitória de uma ideia será mais fácil quanto mais intensa for à propaganda e quanto mais exclusiva, rígida e sólida for à organização que praticamente toma para si a realização do combate. Dai resulta que nunca é exagerado o número de adeptos, enquanto, no que diz respeito aos combatentes não se deve preferir o número, mas sim a qualidade.” HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Kapitel 11: *Propaganda und Organisation*.

1. PREÂMBULO

A problemática da relação entre verdade e política, advinda desde a antiguidade clássica, perpassa toda a história da filosofia. Vez ou outra ela retorna de forma mais veemente, devido a circunstâncias específicas. Este foi o caso na primeira metade do século XX, quando veio à tona um dos principais desafios explicativos apresentados à filosofia política: as “trevas” do totalitarismo. Durante esse período, a luta pela verdade e o mascaramento da mentira ganharam contornos totalmente novos, incidindo diretamente na questão da propaganda, que se tornou um elemento fundamental para a difusão e manutenção dos regimes totalitaristas.

2. REGIME TOTALITÁRIO E PROPAGANDA

O advento dos regimes totalitários foi, sobretudo, complexo, que não há consenso se eles podem realmente ser caracterizados como um novo tipo de regime. Para autores como Leo Strauss, todas as formas de governo possíveis já foram contempladas desde a antiguidade clássica, e o totalitarismo seria apenas uma forma de tirania moderna (STRAUSS, L. 2017). Hannah Arendt não concorda com tal afirmação. Ela defende que o regime totalitário possui determinados elementos em sua estrutura política no tratamento das coisas públicas que o caracteriza como algo inédito, não redutível ao despotismo, à tirania, ou à ditadura. Dentre eles estão formas usadas para obscurecer a distinção entre o verdadeiro e o falso. Três delas são fundamentais: o *terror*, que permite a mudança do passado, a *ideologia*, que desconstrói a diferença objetiva verdade/mentira, e a *propaganda*, que organiza as massas em torno de mentiras através do que denominamos “ofuscar da verdade”. Aqui nos deteremos na análise desta última forma.

Segundo Arendt, os ímpetus do totalitarismo só conseguiram inicialmente adeptos entre a rale e parte da elite intelectual. A conquista das massas só foi possível devido ao advento da propaganda. Desde suas origens na sociedade de massas, a publicidade visou influenciar comportamentos e ações em geral, no intuito de fomentar o consumo. Para tanto, mobilizou recursos como estatísticas, padrões comportamentais científicos, uso exemplar de reputações, e padrões estéticos, visando à produção de necessidades. Após os sucessos de sua atuação na área econômica, sua utilização na

política não tardou. A percepção, o tratamento, e a expansão da ‘sociedade de massa’³ advinda dos USA foi crucial para o desabroche dos regimes totalitários. Os nazistas aprenderam muito com a propaganda comercial da sociedade norte-americana, e os russos, os observando, assimilaram rápido.

A sociedade de massa foi o solo fértil sob o qual germinaram tanto as sementes do consumo quanto as dos regimes totalitários. O sentimento de desenraizamento, de não pertencimento, e de dispensabilidade (*selflessness*) que compuseram a psicologia do homem de massa fomentou o desejo de escape da realidade, o desprezo a padrões morais e ao espaço público, e propiciou a possibilidade de organização das massas através da adesão à propaganda redentora deste abandono da exterioridade. Aquilo que se propagandeou proporcionou a ilusão do reencontro com o mundo, seja através do produto pertencente por direito, seja através da indubitável “cientificidade”. Isto só se tornou viável através da produção de um mundo publicitado pela propaganda, e validado pela ideologia, um mundo onde tudo é possível⁴.

O uso inicial da propaganda pelos regimes totalitários, durante o período de seu estabelecimento, foi dedicado ao “público de fora”, ou seja, aos outros países não totalitários, enquanto o “público interno” seguia submetido à forte doutrinação. Contudo, rapidamente foi percebida a importância do direcionamento da propaganda também para o “público interno”. Segundo Arendt “depois da tomada do poder, a propaganda totalitária pode ainda dirigir-se àqueles segmentos da própria população cuja coordenação não foi seguida de doutrinação suficiente” (ARENDR, H. 2012. p. 475). A publicidade totalitarista interna foi então uma maneira de incluir os ainda não adeptos à doutrinação ideológica, e também uma forma de perpetrar a manutenção da coesão ideológica. Ela preparou as massas para o mundo ficcional construído pela ideologia, pela lógica de uma ideia, e as mantiveram nele⁵.

³ O funcionamento da “Sociedade de massa” recebeu importantíssimas análises de alguns integrantes da Escola de Frankfurt, de onde surgiram as noções de “cultura de massa” e “indústria cultural”. Vide: HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. *Dialektik der Aufklärung*.

⁴ “Arendt é clara ao afirmar que o tipo de verdade que lhe interessa, no campo da política, é aquela cujo oposto é a mentira. Portanto, o tudo é possível ou permitido parece dar o tom também de como a mentira na política pode figurar como uma das experiências modernas dessa eliminação de todos os limites.” (PEREIRA, G. 2019. p. 60).

⁵ “Mas o sucesso da propaganda totalitária não se deve tanto à sua demagogia quanto ao conhecimento de que o interesse, como força coletiva, só se faz sentir onde um corpo social estável proporciona a necessária conexão motora entre o indivíduo e o grupo; nenhuma propaganda baseada no mero interesse pode ser eficaz entre as massas, já que a sua característica principais não pertencerem a nenhum corpo social ou político e constituírem, por; tanto, um verdadeiro caos de interesses individuais. O fanatismo dos membros dos movimentos totalitários, cuja intensidade difere tão claramente da lealdade dos membros dos partidos comuns, resulta exatamente da falta de egoísmo interesseiro dos indivíduos que

A utilização propagandística nos moldes totalitaristas atingiu preponderantemente a constituição do espaço público, e afetou, sobremaneira, a capacidade dos componentes da massa de distinguir o verdadeiro do falso. Isto porque a qualidade do espaço público e da prática política que nele se desenvolve influi diretamente na compreensão de mundo e na formação das identidades da comunidade. Através do embotamento da livre opinião e das informações verdadeiras circulantes “a presença da propaganda alterou e minou as bases desses institutos constituidores da política” (AGUIAR, O. 2007. p. 8).

O isolamento foi uma condição primordial para a consolidação da organização totalitária. A propaganda, que inicialmente teve sua penetração diretamente proporcional ao nível de isolamento dos indivíduos, depois da consolidação do regime, serviu para manter as condições de isolamento dentre a massa. A veiculação da propagandística totalitária por ‘aparelhos ideológicos’⁶ como rádio e cinema⁷ ocasionou tamanha propagação e penetração que afetou, sobretudo, o espaço público, a ponto de embaralhar a distinção verdadeiro/falso e promover o ofuscar da verdade compondo *ficção* consonante com o discurso do líder.

3. A CRIAÇÃO FICCIONAL

O cerne da propaganda totalitária é a criação ficcional. Ela só funciona porque ancorada em fundamentos ideológicos e amparada por determinados elementos de realidade. Como afirma Arendt:

formam as massas e que estão perfeitamente dispostos a se sacrificarem pela ideia”. (ARENDDT, H. 2012. p. 481).

⁶ O conceito de aparelho ideológico não é de Hannah Arendt. Ele ganha destaque nas análises de Louis Althusser. Vide. ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*.

⁷ “A partir da criação do Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*), em 13 de março de 1933, ocorreu o processo de “nazificação” das atividades artísticas e culturais alemãs, que representou uma suposta “depuração” da arte e a conseqüente destruição das instituições culturais da República de Weimar. Como exemplo do enorme interesse de Hitler e Goebbels pelo cinema, cabe destacar que a *Reichsfilmkammer* (Câmara do Cinema do Reich) foi fundada no dia 14 de julho de 1933, antes de todos os outros departamentos da *Reichskulturkammer* (Câmara de Cultura do Reich). Logo nos primeiros anos do governo de Hitler, o Ministério da Propaganda iniciou um processo de absorção das companhias e estúdios cinematográficos, chegando, no ano de 1942, a assumir o controle total da produção cinematográfica na Alemanha. Durante os 12 anos de regime nazista, estima-se que foram produzidos mais de 1.350 longas-metragens, que buscaram de várias formas enaltecer o nazismo, estimulando a grande maioria da população alemã a participar da experiência nazista, além de colocar a Alemanha em segundo lugar na produção cinematográfica mundial, atrás apenas dos Estados Unidos da América.” (PEREIRA, W, 2003. p. 110 e 111).

(...) não foi por acaso que os dois movimentos totalitários do nosso tempo, tão assustadoramente ‘novos’ em seus métodos de domínio e engenhosos em suas formas de organização, nunca prepararam uma doutrina nova, nunca inventaram uma ideologia que já não fosse popular (ARENT, H. 2012. p. 496).

A produção da crença do algo a realizar, como a marcha da história encarnada nos proletários soviéticos, ou a evolução natural dos nazistas de raça pura não seria possível sem o ódio e o ressentimento aos ricos burgueses mantenedores da corte czarista, ou à grande prosperidade material de vários judeus pela Europa. Não por acaso, “a mais eficaz ficção da propaganda nazista foi a história de uma conspiração mundial judaica” (ARENT, H. 2012. p. 489).

A propaganda só cria um mundo de ilusões se estas se apoiam em elementos existentes no mundo real. Tais elementos são sempre transcendidos de forma genérica, demonstráveis pela ficção escolhida de maneira a estar sempre fora dos controles individuais. A ficção criada é capaz de competir e se impor diante do mundo real porque, ao se afastar da contingência, ela é sempre mais lógica e coerente. O que convence as massas não são fatos. Estes podem ser inventados. O mais importante é a coerência lógica das ideias do arcabouço ficcional que contém os fatos.

Tais ficções não forma ‘digeridas’ de forma totalmente inocente pelas elites intelectuais russas e alemãs. Todavia, a elas fascinava o poder de organizar as massas, algo que lhes podia ser extremamente proveitoso. Este era um dos principais motivos que levavam as elites à adesão ideológica ao regime. Segundo Arendt:

O que os fascinava não era a habilidade com que Hitler e Stálin mentiam, mas o fato de que pudessem organizar as massas numa unidade coletiva para dar às suas mentiras uma pompa impressionante. O que era simples fraude do ponto de vista factual e intelectual parecia receber a bênção da própria história quando toda a realidade dinâmica dos movimentos passou a sustentar a mentira fingindo tirar dela o entusiasmo necessário para a ação (ARENT, H. 2012. p. 466).

A unidade através de ‘mentiras transfiguradas’ não foi viabilizada simplesmente pelo vínculo com o regime ou culto à figura do líder. A adesão ao rigor da organização se configurou como ponto central neste aspecto, que se tornou um dos principais focos propagandísticos. A organização se consolidou na junção metódica de membros. É ela a força do regime. Como afirma Arendt, “o verdadeiro objetivo da propaganda totalitária

não é a persuasão, mas a organização, o acúmulo da força sem a posse dos meios de violência” (ARENT, H. 2012. p. 496).

A força organizacional desvela o vínculo existente entre propaganda e uma coerção que não pode ser reduzida à ameaça física. Tal relação não é novidade restrita aos regimes totalitaristas. Ela existe desde a propaganda de viés estritamente econômico, onde há um recorte do real direcionado que coage ao consumo de produtos. Como destaca Odílio Aguiar:

A coerção aqui abordada não é necessariamente física, mas seguindo o princípio da manipulabilidade dos homens, utiliza-se de qualquer instância capaz de induzir o comportamento, como, por exemplo, os argumentos religiosos, científicos, os preconceitos e, muito frequentemente, a mentira (AGUIAR, O. 2008. p. 80).

Tal coerção pode ser compreendida como indução comportamental às exigências da organização. A força organizacional dispensa demonstrações, e faz com que tudo aquilo que a propaganda diz se realize imediatamente. Qualquer propaganda adversária é descreditada ao não coadunar com um mundo ficcional que as massas querem crer como verdadeiro. A mentira se impõe como o mundo a realizar e a proteger. Um mundo mantido na interioridade do regime quando os mecanismos de propaganda são bem empregados para a “transfiguração da mentira em verdade ofuscada”⁸.

4. DOIS EXPEDIENTES TÉCNICOS DA PROPAGANDA

A conquista, domínio, e condução das massas demanda que o âmbito das ações e omissões exigidas seja claramente determinado e propagado pelo corpo político unitário do regime totalitário, em consonância com o desejo do líder que deve se efetivar como lei⁹. A emissão de tal desejo está diretamente relacionada ao aperfeiçoamento de dois expedientes técnicos da propaganda: a *profecia* e o *mistério*.

O uso da “profecia científica” marcou uma diferença acentuada entre a propaganda de massa e publicidade para consumo. Esta última possui avaliações e reavaliações diretamente ligadas à verificação do presente. Já a profecia científica, de

⁸ Tal terminologia não fazer parte da obra arentiana, como destacamos adiante em nossa conclusão.

⁹ “O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente” (KLEMPERER, V. 2009. p. 55).

forma demagógica, tem seus méritos revelados pelo futuro realizável. Segundo Arendt, “o efeito propagandístico da infalibilidade, o extraordinário sucesso que decorre da humilde posse de agente interpretador de forças previsíveis, estimulou nos ditadores totalitários o hábito de anunciar as suas intenções políticas sob a forma de profecias” (ARENTE, H. 2012. p. 482). O líder, através de profecias, incute nas massas o futuro que ele já sabe conquistável, legitimando não só sua autoridade diante de suas próximas projeções, mas a necessidade de ser seguido de forma inquestionável, como exímio prenunciador das leis da evolução natural ou da marcha da história.

A infalibilidade da profecia propagandística só pode ser garantida pelo líder de um regime totalitário consolidado. Antes de tomar o poder, ele propagandeia enorme desprezo pelos fatos em si, pois os afirma como dependentes do poder daqueles que os concretizam. Depois de se efetivar como líder, ele passa a prever de forma científica e indubitável os fatos que sabe que realizará e/ou que serão realizados pelo aparato totalitário. A partir de então, apenas ele tem as condições necessárias materiais e ideológicas para distinguir o verdadeiro do falso a ser propagado como profecia inquestionável.

Porém, enquanto seu regime totalitário for circundado por outras nações de formas de governo dispares diversos, tais profecias nunca se configurarão indubitavelmente como profecias verdadeiras porque nunca falhas. Existe, portanto, uma necessidade profética de expansão totalitária. A esse respeito, afirma Arendt

(...) o método da predição infalível, mais que qualquer outro expediente da propaganda totalitária, revela o seu objetivo último de conquista mundial, pois somente num mundo inteiramente sob o seu controle pode o governante totalitário dar realidade prática às suas mentiras e tornar verdadeiras todas as suas profecias (ARENTE, H. 2012. p. 483).

Se o poder do líder de tornar sua profecia verdadeira é que configura o futuro que se tornará a imprescindível verdade presente, é preciso que não existam poderes concorrentes capazes de transformar sua projeção em mentira para que a profecia seja indubitavelmente científica e infalível. Isto só é possível em um mundo totalmente dominado por apenas um regime totalitário, onde todas as mentiras da propaganda totalitária se tornarão o que foi profetizado.

Como já dissemos anteriormente, a sociedade de massas formou interioridades extremamente propícias ao advento do totalitarismo. O desencanto com o mundo

exterior gerador de atitudes como o niilismo no fim do século XIX e início do XX se adequou facilmente as promessas do mundo publicitada pela propaganda dos regimes totalitários. O cientificismo profético era a maior expressão dessas promessas. Como afirma Arendt:

A linguagem do cientificismo profético correspondia às necessidades das massas que haviam perdido o seu lugar no mundo e, agora, estavam preparadas para se reintegrar nas forças eternas e todopoderosas que, por si, impeliriam o homem, nadador no mar da adversidade, para a praia segura (ARENT, H. 2012. p. 483).

A grande mentira do desencontro entre os indivíduos e o mundo externo, proporcionada pela aniquilação do pertencimento à gigantesca massa, enfim seria substituída pela “verdade” do totalitarismo. Haveria então uma reconciliação com o mundo produzido, onde interioridade e exterioridade se tornariam um mundo pleno, um legítimo ‘Mundo Uno’ onde a mentira dos inconvenientes mundanos seria extirpada pela imposição das ações humanas cumpridoras das profecias propagandeadas da marcha da história ou da evolução da natureza.

Um segundo expediente técnico aperfeiçoado pela propaganda foi o *mistério*. Para Arendt, além do desamparo e da tendência ao isolamento frente ao mundo, as massas modernas também se caracterizam por desvalorizarem a experiência, e por descreditarem seus sentidos em detrimento de sua imaginação. Isto propiciou que pudessem ser seduzidas por propagandas focadas no mistério. O encontro com a realidade do mundo se daria então pelo desvelamento das incógnitas misteriosas produzidas pela propaganda.

A perda do espaço público foi condição fundamental para a propagação ficcional de mistérios. Isto porque as imaginações individuais se viram livres da concorrência das opiniões e do bom senso característicos dos espaços políticos. Como afirma Arendt

A revolta das massas contra o "realismo", o bom senso e todas "as plausibilidades do mundo" (Burke) resultou da sua atomização, da perda de seu *status* social, juntamente com todas as relações comunitárias em cuja estrutura o bom senso faz sentido. Em sua condição de deslocados espirituais e sociais, um conhecimento medido da interdependência entre o arbitrário e o planejado, entre o acidental e o necessário, já não produz efeito. A propaganda totalitária pode insultar o bom senso somente quando o bom senso perde a sua validade. (ARENT, H. 2012. p. 486 e 487).

A atomização dos deslocados espirituais e sociais é o solo fértil onde proliferam interesses da massa pelos mistérios. Estes se proliferam e se retroalimentam sem ofender a qualquer verdade ou bom senso, pois estes não mais inexistem no misterioso mundo ficcional propagandeado, um mundo onde tudo passa a ser possível ¹⁰.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo nossa interpretação do texto de Arendt, a propagação dos regimes totalitários foi possibilitada graças ao desenraizamento e isolamento dos indivíduos. Distanciados do espaço público, integrantes da sociedade de massas se afastaram da comunidade política e aderiram a promessas de um mundo ficcional publicitado através da propaganda, onde suas angústias foram reconfortadas. A propaganda do totalitarismo só conseguiu burlar o abismo entre verdade e mentira, e conseqüentemente entre realidade e a ficção, devido às brechas existenciais desses indivíduos que, ao abrirem mão das relações políticas, acabaram por perder conexão com a verdade.

Esse processo proporcionou à grande massa de indivíduos a restituição da dignidade em um mundo ficcional sustentado pela lógica de uma ideia, apoiado no terror, e produzido pela propaganda. O conteúdo propagandístico foi de tal forma absorvido e integrado proporcionando uma sociedade extremamente estável. A vida real se diluiu em um mundo ficcional extremamente conveniente rumo à concretização da promessa da realização humana através da marcha da história ou da evolução da natureza proporcionado através da “transfiguração da mentira em verdade ofuscada”.

Certamente a terminologia apresentada estapola a contida na obra de Arendt. Todavia, acreditamos que ela nos ajuda a compreender o que a autora nos apresenta, pois em alguns momentos de suas análises, os termos verdade e mentira acabam perdendo ancoragem. Isto porque as mentiras ofertadas pela propaganda totalitária não são absorvidas como conteúdo falso por quem lhes presta adesão. Do ponto de vista

¹⁰ “Não é difícil entender que essa estratégia está condenada ao fracasso: [...] nenhum ser humano pode isolar-se tanto que não seja sempre atirado de volta para o mundo se tem esperanças pelas coisas que apenas o mundo pode dar – coisas comuns.” (ARENDR, 1994a, p. 23). Mais ainda, “no final o mundo sempre tem a última palavra porque uma pessoa pode refletir-se apenas em seu próprio eu, mas não para fora.” (ARENDR, 1994a, p. 23). “O mundo é, para o indivíduo isolado, um obstáculo intransponível, algo que ele simplesmente não pode desafiar, assim como não pode desafiar ou revogar a natureza. É possível negar um fato isolado, mas não à totalidade dos fatos que chamamos mundo (ARENDR, 1994a, p. 24)”. (ADVERSE, H. 2013. p. 85).

daquele que se integra ao totalitarismo ocorre um efetivo encontro com a “verdadeira verdade” antes oculta, que se realiza como profecia na história. Isto que Arendt denuncia em vários momentos como mentira ou verdade ficcional convenientemente aceita pelo indivíduo de massa como amparo existencial se dá por um processo analisado pela autora que acreditamos poder ser definido como “transfiguração da mentira em verdade ofuscada”. Já haveria Arendt identificado em suas análises de meados do século XX elemento(s) daquilo que posteriormente se estabeleceu como “pós verdade”?

Independente da refutação ou acatamento a tal provocação, em *Origens do Totalitarismo* a filósofa nos chama atenção para um ponto crucial que foi desenvolvido em seus escritos posteriores: a importância da relação política no espaço público para o estabelecimento da verdade não ficcional. Esta, mesmo que sua natureza não se confunda e nem se restrinja à política, se configura como presença crucial nas relações efetivas do mundo, como memória construída pela coletividade, e como um dado primordial da compreensão da condição humana. O que nos permite concluir que um dos grandes dificultadores da efetivação da possibilidade que nos assombra, de um retorno ao ‘tudo é possível’ totalitário cuja propaganda é elemento fundamental, é o encontro cotidiano com os outros no mundo, na relação política pública factual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADVERSE, Helton. *Arendt e a crítica ao romantismo na biografia de Rachel Varnhagen*. Argumentos, Ano 5, nº 9. Fortaleza. Jan/Jun. 2013 (pp.79-96).
- AGUIAR, Odílio. *A tipificação do totalitarismo segundo Hannah Arendt*. dois pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 5, n. 2, 2008. (pp.73-88).
- _____. *Veracidade e propaganda em Hannah Arendt*. Cadernos de Ética e Filosofia Política 10, 1/2007 (pp 7- 17).
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. (Tradução: Walter José Evangelista). São Paulo: Edições Graal. 2003
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. (Trad. Roberto Raposo) São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- FRY, Karin. *Compreender Hannah Arendt*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LAFER, Celso. *A mentira: um capítulo das relações entre a ética e a política*. In: NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. (pp. 225-237).
- _____. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- KLEMPERER, V. *LTI – a linguagem do Terceiro Reich* (Tradução, apresentação e notas de Miriam Bettina Paulina Oelsner). Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- KITCHEN, Martin. *O Terceiro Reich: carisma e comunidade*. São Paulo: Madras, 2009.
- KOHN, Jerome. *Arendt's Concept and description of Totalitarianism*. Social Research, vol.69, nº 2. 2002. (pp. 621-656).
- LOBATO, Anderson. & PEIXOTO, Cláudia. *O problema da publicidade e a perversão da linguagem como problema político em Hannah Arendt e Günther Anders*. Dissertatio [43]. 2016. (pp.169 – 178).
- PEREIRA, Geraldo A. Emery. *Verdade e política na obra de Hannah Arendt*. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- PEREIRA, Wagner. *Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo*. História: Questões & Debates, n. 38. Curitiba: Editora UFPR, 2003 (pp. 101-131)